

Fernando Pessoa, “Poeta e Pensador”

Antonio Cardiello*

PÉREZ LÓPEZ, Pablo Javier (2012). *Poesía, Ontología y Tragedia en Fernando Pessoa*. Morata de Tajuña: Editorial Manuscritos.

O livro, *Poesía, Ontología y Tragedia en Fernando Pessoa*, versão definitiva duma tese doutoral defendida pelo autor, o filósofo Pablo Jávier Pérez López, na Universidade de Valladolid, é o soberbo desfecho de anos de meticolosas pesquisas diárias em torno do espólio de Fernando Pessoa. Uma monografia que contribui para renovar e animar toda uma tradição hermenêutica, particularmente sensível ao que não deixa de ser um ponto nevrálgico da obra do maior escritor português do século XX: a inextricável junção entre o poetizar filosófico e o pensar poético.

Na cauda de Álvaro Ribeiro e do seu lema pioneiro «Fernando Pessoa era poeta e filósofo, ouvia dentro de si as falas do diálogo eterno», de Eduardo Lourenço, José Gil, Mendo de Castro Henriques e Luís de Oliveira e Silva – só para mencionar alguns dos predecessores ilustres recordados na introdução do seu estudo – Pérez López não cai na ilegítima tentação de fazer de Pessoa um filósofo à força. Nem cede, onde muitos já cederam, perante a irrefragável mania de querer extrair uma unidade universal, de procurar uma fantasmática coerência monolítica no meio de uma totalidade fragmentada. Ao invés, visa realçar, através de um percurso em 12 etapas ou capítulos, o rosto trágico e portanto intempestivo, no sentido nietzscheano, da narrativa e da poesia pessoana. Em termos mais concretos, a criatividade ilimitada e não aglutidanora da faculdade imaginativa, cunhando formas verbais para a experiência humana, longe de se opor à razão reflexiva, desconstrutiva e categorizante da filosofia constituiria, em Pessoa, a sua amplificação analógica; a sua aliada em pôr em questão o real e em propor respostas alternativas a interrogações ainda sem solução.

Para suportar a sua tese de base, Pérez López decide exordiar com uma sinopse deveras oportuna sobre a instauração da cisão, na cultura ocidental, entre o logos filosófico e o logos poético, entre ser e não-ser, entre intuição e método, remontante ao advento de Sócrates e Platão. Maria Zambrano, Heidegger, Unamuno e Machado são as vozes mais evocadas, nas secções iniciais do livro, a favor da urgente recuperação do eterno diálogo intrínseco a duas mundividências, outrora indivisas, no Homem. Todas, de alguma maneira, servem de material

* Membro investigador do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa; Colaborador do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL).

preparatório à consagração de «intérprete de excepção de la agonía de la Modernidad» que Perez López concede a Pessoa, com explicitação crescente a partir do terceiro capítulo. Da insistência em reconhecer-lhe também o epíteto de "poeta-pensador", de acordo com a definição que o próprio Pessoa dá de si num belíssimo inédito, transcrito no livro junto a outros 23, partem fulgurantes incursões na ecléctica dimensão filosófica e nos "ismos" mais marcantes do seu *teatro* plural.

Com uma linguagem límpida, paratáctica, de teor quase lírico sem deixar de ser incisiva, alheia às árduas construções sintácticas próprias de certas redundâncias teoréticas, Pérez López apresenta-nos um laboratório poético grávido da "necessária" dor de sentir de uma consciência "feita em cacos" por tanto duvidar, por tanto analisar e por tanto «voar outro».

Encoraja-nos a vê-lo como alegoria da essência alucinatória, exuberante, terrível e ficcional dum mundo, o nosso, em que a metafísica se converte em arte e a arte é receptáculo onde o Absoluto e o Mistério ganham forma sensível.

Não se limitando à análise de molde ontológico, constrói pontes e engendra paralelismos com o irracionalismo histórico de Cioran e Schopenhauer, com a vontade de ilusão de Borges e a vontade de mentira de Nietzsche, o interlocutor mais proeminente.

Revela e estabelece instigantes aproximações com a biblioteca particular de Pessoa. Reúne, com completude e rigor filológico, listas de projectos de obras filosóficas e antologias de textos comparativos, num número de anexos superior à dezena.

Enquanto estes aparatos conferem um valor adjunto ao precioso estudo de Pérez López, nas entrelinhas de cada sua página alberga um convite, inclusive para o pessoano mais erudito, o de voltar ao gozo indescritível e arrebatador que se vive ao ler Fernando Pessoa pela primeira vez.

Agradece-se, assim, ao autor de *Poesía, Ontología y Tragedia en Fernando Pessoa*, pela oportunidade de cumprirmos o que Pierre Hadot chamaria de *exercício espiritual*.

*